# 15 de Novembro

## (Reminiscências)

**João Nogueira**

Aos 15 de Novembro de 1889, eu era estudante no Rio, onde havia chegado em Abril do mesmo ano.

Morava em uma pensão do Campo-de-Santa-Ana, paredes meias com o quartel do Corpo de Bombeiros, da qual eu ocupava um modesto quarto de frente, no 3°. andar.

Aí, residiam vários estudantes e empregados do comércio.

Na manhã de 15, já perto das 8 horas, o criado alarmou tôda a gente, dizendo que um grande barulho estava nas ruas e que já haviam morto o Barão de Ladário.

Corrí à varanda do meu quarto e vi um batalhão que marchava sem ordem e no meio do qual iam muitos indivíduos à paisana e de arma ao ombro.

Vestí-me às pressas e saí acompanhado de dois estudantes de medicina, Antônio e Matias Lobato, que também estavam espantados e ansiosos de saber o que era aquilo.

Essa massa heterogênea marchava em silêncio, sem música nem tambores à frente; marchava como se viesse da rua do Conde para a do Visconde do Rio-Branco. Chegada que foi próximo à rua dos Inválidos, dobrou à esquerda, seguindo o lado do Campo em que se achava o Museu Nacional. E, seguindo sempre em frente, passou diante da Câmara Municipal, em cujas varandas havia muita gente, e, hasteada em uma delas, uma bandeira de listas verdes e amarelas.

Ouví, a pessoas que nos rodeavam, que José do Patrocínio pouco antes havia dalí mesmo proclamado a república, sendo aquela a nossa nova bandeira.

A estas palavras sentí um arrepio de frio, e meus dois companheiros mostraram-se tão surpresos e assustados quanto eu.

A república! Então, estava proclamada a república?! E nós, o povo, que de nada sabíamos!

A curiosidade fêz-nos acompanhar aquele grupo de soldados e de paisanos, que marchava silenciosamente.

Nem um viva, nem um grito.

Parecia que todos estavam pensativos do que tivesse havido ou receosos do que ia acontecer.

Sempre envolvidos pela multidão, fomos parar bem em frente ao Quartel General, diante, precisamente, do portão central, que estava fechado.

A ignorância em que estávamos do que era e significava tudo aquilo; a grande fôrça do exército com artilharia que rodeava o quartel; os boatos que corriam sôbre a prisão dos ministros e sôbre a morte de Ladário, aumentava a cada instante a nossa desorientação.

Por que estavam presos os ministros? Por que sacrificaram o Barão de Ladário, se tudo ontem estava em plena paz?

Nisto, abriu-se o grande portão do quartel e assomou, a cavalo, o general Deodoro. Tirou o boné, num gesto de quem saüdasse a massa que o rodeava. De repente, volta-se para a direita e fala para os circunstantes, a modo de quem repreendesse.

Do ponto em que eu estava podia ver, como vi, êstes movimentos do general, mas não podia ouvir suas palavras.

Pôs o boné e saiu acompanhado de Benjamim Constant, Quintino Bocaiúva, e outro, que eu não conhecia. Todos a cavalo.

Continuava a pesar sobre a multidão uma atmosfera de angustiosa espectativa. Que teria havido, portas a dentro no quartel? E os ministros? E o Barão de Ladário?

Dos militares, eu não conhecia nem um; e mesmo que achasse algum conhecido, êste não me poria a par dos acontecimentos...

Nem um viva, nem uma aclamação se ouvia.

Deodoro (e outros cavaleiros), acompanhado e rodeado daquela multidão de soldados e paisanos, dirigiu-se para a Câmara Municipal, pela qual passou seguindo o mesmo lado do Campo por onde eu viera.

Parando à rua do Visconde do Rio-Branco, o préstito fêz alto, enquanto Benjamim Constant e outro cavaleiro foram até à frente do Instituto dos Cegos, que ficava no mesmo correr da minha pensão.

Das varandas, pessoas saüdavam Benjamim, que

correspondia acenando com o boné. Nada percebí do que êle teria dito.

Encorporado de novo ao préstito, êste desceu pela rua do Visconde do Rio-Branco, passou pelo Largo-do-Rossio e, entrando na rua do Teatro, atravessou o Largo-de-S.-Francisco e foi ter à rua do Ouvidor.

Já fatigado, abandonei o préstito e abriguei-me na Escola de Engenharia, onde estavam poucos estudantes a comentar aquele estranho movimento.

Passando pela rua do Ouvidor, Deodoro foi aclamado pelo povo, especialmente por figuras que ocupavam as janelas do "Jornal do Comércio".

Foi na Escola que eu soube do que sucedera ao Barão de Ladário. A carro vinha êle para o Quartel General, quando, ao aproximar-se dêste edifício, o tenente Peña dera-lhe voz de prisão. Ladário era homem muito valente; sacou de uma pistola e visou o tenente. A arma falhou, e uma escolta de cavalaria, que estava próxima, deu uma descarga sobre o barão, ferindo o ministro no quadril direito.

Nesse mesmo dia, depois da passagem de Deodoro pela rua do Ouvidor, onde mais tarde estive, ouví um grande vozerio. Era um grupo de ardentes republicanos, que trazia aos ombros o tenente Peña. Era a consagração de um heroísmo.

Peña era riograndense-do-sul e de origem oriental, ou argentina.

Depois dêstes sucessos, desapareceu da cena, e nunca mais ouví falar no seu nome.

Voltei para a Escola, onde estavam poucos estudantes.

Soube, então, que Deodoro havia deposto o ministério e o conservava prisioneiro no Quartel General; que o Imperador fôra chamado de Petrópolis e que se achava detido no paço da cidade.

Um estudante, que estava, ou julgava estar, a par do que se passara na véspera, afirmava indignado que o major Solon precipitara os acontecimentos, espalhando no dia 14 que o Visconde de Ouro-Preto mandara prender Benjamim Constant.

Esta falsidade excitara os ânimos dos militares, e daí a revolta. Semelhante invenção foi mais tarde considerada como *hábil estratagema de guerra.*

Eu estava, como tôda a gente, atordoado e sem nada compreender, quando um fato imprevisível veio au-

mentar as minhas perplexidades. Seriam 3 horas da tarde, quando um grupo de soldados de artilharia, saindo da rua do Ouvidor e atravessando o Largo-de-S.-Francisco, dirigiu-se para a rua Luiz-de-Camões, que corre à esquerda da Escola.

Eu e vários estudantes vimos passar êsses soldados, que conduziam um pequeno canhão. Montado sôbre esta peça e bem em frente à farmácia Tibau, um soldado embriagado, com o boné na mão esquerda e uma garrafa na direita, dava, com voz rouca e lingua grossa, viva à república.

Fiquei estarrecido com tão grande escândalo, que, a meu ver, era sinal ou pano de amostra do que se ia seguir. A que mãos—pensava eu—está entregue a segurança do Rio-de-Janeiro?

Atordoado com tais acontecimentos e receando grandes desordens, fugí (é o termo) para a minha pensão, donde não mais saí por todo o resto da tarde.

Não tendo colegas íntimos, com quem pudesse comentar livremente os sucessos do dia, aguardei, sempre assustado, o dia seguinte, esperando durante aquela tenebrosa noite o estrondo da reação armada, que se esperava, da parte dos amigos do Imperador e de Ouro-Preto.

A fadiga venceu-me. Dormí. E a noite correu serena para os estranhos à política e às questões militares.

No dia seguinte, 16, continuava a pesar sôbre a cidade uma densa atmosfera.

Logo pela manhã, encontrei no portão do Corpo de Bombeiros a sentinela de armas ao ombro. É que os bombeiros, os pacíficos bombeiros, tinham sido chamados a fazer fogo, em vez de apagar incêndios.

Corria que o 9º. Regimento de Artilharia de S.-Cristóvão se havia rebelado durante a noite, sendo trucidadas muitas praças.

Corria também que tinham sido fuzilados vários marinheiros, que não quiseram arrear a bandeira imperial em um dos nossos navios de guerra; e hastearam uma outra, inventada no momento.

As fortalezas na barra estavam quietas. Nada se dizia a seu respeito.

Dia 17. O grande acontecimento do dia foi a deportação do Imperador e de sua família. O Govêrno Provisório decretara uma dotação de 5.000 contos para o estabelecimento de Pedro 2º. na Europa.

Os republicanos louvaram e exaltaram até às es-

trêlas esta liberalidade do Govêrno, e espalharam que Rui Barbosa telegrafara *ubi et orbe* que o Imperador aceitava de bom grado a dádiva e que o Conde D'Eu, em vista de tão grande soma, pusera sua espada a serviço das novas instituïções.

Dupla e infamíssima mentira espalhada pelos republicanos, para humilhar o Imperador e difamar o Conde D'Eu.

Pedro 2º. nem sequer tocara no papel que o oficial Mallet lhe trouxera, contendo o decreto da dotação; e o Conde não deu mostra alguma de satisfação ante o luzir do ouro.

A conduta nobilíssima do Imperador e do Conde neste episódio foi logo reconhecida e espalhada na cidade.

Os fatos demonstraram a falsidade do que diziam os republicanos de última hora, e a fôrça da verdade foi tal, que êstes mesmos não ousaram repetir a torpe balela. O silêncio dessa gente falava, pronunciava a primeira sílaba da palavra "justiça" *de Deus na voz da História.*

Entretanto, o boato do telegrama continuava a circular. Já não exaltavam o ministro jornalista, mas muito veladamente reconheciam o erro que êle cometera.

Verificou-se depois que Rui não passara o telegrama e se afligia por atribuir-se-lhe um dislate em que não caíra.

Começava a ser espetado pelos espinhos da rosa sangrenta que ajudara a plantar.

Dia 18. O Imperador continuava detido e dizia-se muito em voz baixa que o Govêrno o conservava incomunicável para protegê-lo contra algum movimento armado tendente a libertá-lo.

Pura razão de cabo de esquadra. Movimento armado por parte de uma população que assistiu *bestializada* e de bôca aberta pelas ruas o 15 de Novembro e suas imediatas conseqüências! Amigos do Imperador que quiseram visitá-lo voltaram da porta do paço, onde eram recebidos com aspereza, dizendo-se-lhe:—Quem aquí entrar não sairá mais. São ordens.

Foi o que aconteceu com o Visconde de Jaguaribe e outros personagens, que queriam, ao menos, ver o homem culpado por não ter culpa. Não se sabia que fim tinham levado o Visconde de Ouro-Preto e demais ministros. Ladário, que escapara aos tiros da escolta, estava em tratamento nas Laranjeiras.

Foi o primeiro sangue derramado para a argamassa do pedestal do monumento da República, ao qual

já se juntava o dos soldados do 9º. Regimento e o dos marinheiros que se negaram a arrear a bandeira imperial. Diziam os republicanos que fôra um verdadeiro prodígio de habilidade, fazer-se uma revolução sem perda de uma simples gota de sangue.

E o sangue começava a correr...

No dia 18, dizia-se, com ares triunfantes, que o Imperador, deportado, iria deixar o Brasil.

Por que, perguntava-se timidamente, deportar-se e banir-se êsse príncipe ilustre e probo, que procurava ser amado de preferência a ser temido?

Bem sabia o Govêrno Provisório com quem tratava. Armado até os dentes, fácil lhe era custodiar um ancião alquebrado, que em tempo algum deu mostras de possuir um coração de lutador. Tratou-se com fingida deferência, com aquele mesmo ânimo com que antigamente se oferecia ao pé da forca pão-de-ló e vinho aos condenados.

Na concha em que se escreveu o nome deste novo Aristides, muita gente o fêz por já estar cansada de ouvir chamá-lo *Justo*.

Na noite de 18, o Largo do Paço estava impedido. Filas de soldados tomavam tôdas as entradas. Alí ninguém podia transitar. Era desolador o aspecto daquele largo, transformado agora em vasto pátio de prisão.

Era ao cerrar da noite, quando procurei o átrio da igreja do Carmo, lugar elevado, donde eu podia ver o paço e, mesmo de longe, dizer o meu adeus ao Imperador...

Lá estive até mais das 7 horas, espreitando em vão um gemido, uma voz ou um aceno que o Grande Velho fizesse como despedida à sua terra e à sua gente.

O paço todo fechado. De lá não vinha o menor ruído. Apenas, por uma janela, jorrava um fraco clarão, que mais lembrava a luz de um círio que iluminasse uma câmara mortuária.

Cansado de olhar para a escuridão, e antes que, por segurança, me despejassem, a mim e a outros curiosos, do meu pôsto de observação, tirei o chapéu à moda de quem saúda e me afastei levando no coração o pêso daquela bruta injustiça.

Mal sabia eu que naquelas mesmas horas, levado, talvez, pelos mesmos sentimentos que me aninavam no átrio do Carmo, Raul Pompéia, da janela de um hotel fronteiro ao paço, espiava o movimento do Largo, até lo-

brigar a saída e o embarque do Imperador, que se efetuou por volta das 2 horas da madrugada, hora propícia à ocultação dos crimes.

Pompéia descreveu em uma página emocionante e de grande valor histórico esta espécie de saïmento fúnebre do Imperador, arrancado na calada da noite ao seu lar, à sua terra, às suas afeições, à sua pátria.

Deodoro não deixara de manifestar o respeito e a gratidão que devia ao Imperador; entretanto, sancionou êstes atos de crueldade, abafando os seus sentimentos de aprêço e de lealdade tantas vezes manifestados ao ilustre Velho.

Diziam os republicanos que êle não pensava em proclamar a república, mas simplesmente depôr o ministério; e tanto afã tinha em fazê-lo, que, estando de cáusticos abertos, erguera-se do leito, na madrugada de 15, para ajudar seus irmãos d'armas, oprimidos por Ouro-Preto. Quando o cavalo transpunha o portão do Quartel General, um entusiasta dera um viva à república, ao que Deodoro retrucou em tom imperioso: «Cala a bôca, menino!» Foram as palavras que pronunciou e que eu não ouví por me achar distante, no momento de sua saída, mas que as cem bôcas da fama espalharam na cidade.

Diziam tambem que Benjamim Constant, pelos seus altos dotes intelectuais e ardente patriotismo, conseguira transformar uma *quartelada* em uma revolução, animado pelo mais puro sentimento patriótico.

Um filho dêste chefe militar, em artigo na imprensa, proclamava a glória da obra paterna, dizendo que o 15 de Novembro, além de incluir o Brasil na gloriosa família republicana das Américas, libertava a Nação dum *trambolho monárquico-clerical*, que tanto havia entravado o nosso progredir. Verduras de rapaz.

* * *

O 15 de Novembro não é um dia de 24 horas como os outros, mas um passado agitado da vida brasileira, que começou na madrugada de 15 de Novembro de 1889 e vai terminar quando o País voltar ao equilíbrio estável que gozou durante os cinqüenta anos do reinado de Saturno; mantiver o câmbio acima do par, e o seu papel-moeda outra vez *cheirar a ouro*, na Europa.

Mas essa feliz situação, que todos desejamos desfrutar, quando voltará?

*Dicant paduani.*